

## A EDUCACAO HOLANDESA EM CARAMBEÍ - PARANÁ

Sônia Valdete Aparecida Lima Cordeiro  
Profª Drª Maria Isabel Moura Nascimento  
Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG

### Resumo

Este texto busca investigar como se deu a educação holandesa em Carambeí, no período compreendido entre a criação do município, e a da 1ª escola. Também analisar a importância da religião na formação da escola, e identificar as idéias capitalistas e liberais do período republicano. Como fontes buscam-se documentos pesquisados na escola, Museus, Casa da Memória (PG), Arquivo Público do PR, e particulares, Fontes Iconográficas, Leis, Decretos, etc., Atas, projeto pedagógico da escola, e Jornais da época. Como metodologia estamos levantando e catalogando essas fontes, processo ainda em andamento. Em Carambeí a educação iniciou numa casa, que no domingo servia de igreja, e, durante a semana, de escola, mostrando a ligação entre a religião e a educação.

*Palavras-chave: educação, instituição escolar, imigração, religião.*

### Abstract

This text tries to investigate how the Dutch education in Carambeí happened, during the period that comprehends the creation of the city and the first school. It also seeks to analyze the importance of the religion in the formation of the school, and identify the capitalist and liberal ideas of the republican period. Documents searched in the school, Museums, Memory House (PG), Public State Archives- PR, and particular, Iconographic Sources, Laws, Decrees, etc., Acts, Pedagogical project of the school, and Periodicals of the time were used as sources for this study. As methodology we are raising and cataloguing these sources, this process is still in progress. In Carambeí the education initiated in a house that on Sunday was used as a church, and, during the week, a school, showing the link between the religion and the education.

*Key words: education, school institution, immigration, religion.*

Este texto tem por objetivo apresentar uma pequena parte da investigação que venho desenvolvendo, para compreendermos como se deu a criação da primeira escola holandesa no – Paraná, no município de Carambeí<sup>1</sup>, Mais precisamente no período de 1911, com a chegada de uma grande leva de imigrantes holandeses até a criação da primeira escola Holandesa na década de 1940. Estamos buscando compreender as principais mudanças e características desse grupo étnico ao chegar no país. Os homens se apropriam de outros espaços geográfico e agem sobre ele com a finalidade de garantirem a sua sobrevivência e de marcarem a sua existência. Essa ação se configura como trabalho e proporciona superação constante, e ainda, a compreensão de como “[...] os sentidos e os espíritos dos outros homens tornaram-se sua própria apropriação. Logo, além desses órgãos diretos, são constituídos órgãos sociais sob a forma da sociedade". (MARX, 1983, p. 121)

Sabe-se que do ponto de vista das Instituições Escolares não há escritos que aborda o processo histórico de constituição e de institucionalização Escolar dos Holandeses no país, assim, uma lacuna que precisa ser estudada. Nem mesmo o número de imigrantes holandeses que vivem em nosso território é conhecido.

Comprovamos apenas que estão em todas as regiões do Brasil, envolvidos em diferentes atividades econômicas e sociais, compondo e atualizando o mosaico que sempre foi à cultura brasileira. São Paulo, Paraná, Espírito Santo e Rio Grande do Sul abrigam os maiores grupos de holandeses ou descendentes.

O maior impulso nesta imigração ocorreu nos últimos 50 anos. Trouxeram técnicas de plantio e criação de bovinos e suínos que fizeram a região conhecida em todo território brasileiro.

Esses imigrantes buscaram organizar-se e atuaram por meio da cooperação social Sem permitir que saísse capital do país, já que a Holanda se reestruturava após a guerra, os imigrantes depositavam seus valores na conta da cooperativa para uso conjunto de seus associados. O governo holandês enviaria gado, máquinas e outros materiais necessários. Nos primeiros meses de colonização foram enviados para o Brasil primeiramente um grupo de solteiros, para a preparação da chegada das famílias. O trabalho mútuo em comunidade, ajudou a formar os primeiros sítios e as primeiras plantações, mas as dificuldades iniciais fizeram com que alguns grupos tentassem a sorte mais ao sul do Brasil, como em Monte Alegre, Castrolanda, Arapoti e Carambeí no Paraná e Não-Me-Toque no Rio Grande do Sul. Ocupando e usando o aparelhamento material a sua disposição e empenhando-se nas atividades para as quais o grupo foi estruturado no espaço, pois, “[...] toda organização é invariavelmente baseada e intimamente associada ao meio ambiente material. Nenhuma instituição está suspensa no ar ou flutuando de maneira vaga e indefinida, através do espaço” (MALINOWSKI, 1970, p.56).

Essa cooperação ajudou-os a amenizar o sofrimento de estar num lugar desconhecido, pois o trabalho em cooperação deixou-os familiarizados e unidos no grupo, com lembranças de sua terra.

Já assentado no Brasil, o imigrante busca amenizar o corte, materializando, de várias formas, a lembrança da terra que deixou. Desse modo, o arranjo de sua casa tem características próprias, evidenciadas nos chamados objetos biográficos. Um retrato emoldurado de toda a família, tirado geralmente pouco antes da partida, uma imagem religiosa, baixelas, tapetes, uma caixa de madrepérola, ou simples talheres, são expostos como fragmentos de um mundo a que se deseja voltar, mas que se suspeita jamais rever ou, talvez pior, ao revê-lo não mais reconhecer seus traços originais (SCHWARCZ, 1998, p.18).

Apesar das dificuldades, que foram muitas, como a perda de parte do rebanho vitimada de doenças e intoxicações, a diferença cultural e lingüística dos imigrantes, que dificultou a adaptação à nova terra, além da falta de assistência técnica, a colônia se desenvolveu, estruturou-se e assumiu seu papel de pólo difusor de cooperativismo, tecnologia e alta produtividade agropecuária. Felizmente, os obstáculos foram vencidos<sup>2</sup>; os imigrantes holandeses fizeram de Castrolanda uma comunidade organizada e estruturaram a Sociedade Cooperativa Castrolanda que, unida à Cooperativa Batavo e à Cooperativa Agrícola de Arapoti formaram a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda, responsável por uma das maiores bacias leiteiras do Brasil, localizada em Carambeí.

## 1.1 Os imigrantes Holandeses

A dimensão da vida familiar do imigrante passa por três fatores: a dimensão religiosa, a língua e a comida. Todos dialogados na casa, a fim de manterem algo de suas raízes e as transmitir a seus descendentes. A religião constitui um fator que tende a demarcar fronteiras, [...] É, pois, através da religião que os imigrantes começam a sua reorganização social, incluindo a afirmação psicolinguística do grupo. (BUCHMANN, p.114), enquanto a comida revela uma tendência oposta, representando um elo de contato entre as famílias, no início significava uma ponte entre o imigrante e seu país de origem, e a manutenção do paladar, afirmando a identidade (SCHWARCZ, 1998). A língua, em diferentes momentos, facilitou ou dificultou e muito o processo de integração, mesmo que de forma inconsciente. Serve também para preservar a continuidade e a manutenção dos laços com o país de origem, os filhos praticavam a língua materna em casa com o objetivo de dominá-la desde cedo. Somente quando perceberam a impossibilidade de retorno ao país de origem é que começaram a aceitar a aculturação.

Sabe-se que a imigração ocorreu por diversos motivos, mas geralmente quem sai do país, vai a busca de melhores condições, ou seja, não está passando por bons momentos. Isto quer dizer que a principal razão para o deslocamento das pessoas é a questão econômica, pois [...] A situação econômica é a base, mas os diferentes fatores da superestrutura que se levanta sobre ela [...] também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam sua forma, como fator predominante [...] (ENGELS, s.d.: p. 284). A idéia de retorno aparece como uma possibilidade, ou como um desejo, não de forma fracassada, mas vitorioso, muitas vezes convertido a um passeio de uma semana ou pouco mais para exibir seu êxito. Para isso, muitas vezes se se reuniam em

Micro-sociedades, situadas a meio caminho, entre as esferas pública e privada, como são o caso dos clubes comunitários, teatros, associações de socorro mútuos formadas por pessoas de uma determinada etnia ou de uma determinada região do país de origem, sindicatos, templos religiosos etc.” (SCHWARCZ, 1998, p.28).

Essas associações de socorros mútuos desempenharam um importante papel, devido à carência da assistência social pública no país. É claro que estas associações não atendiam a população de modo geral, apenas um determinado grupo de associados.

[...] Ao imigrante caberia a tarefa de revelar as riquezas ainda ocultas, colher os tesouros aqui escondidos; para tanto, a natureza lhe conferira uma capacidade laboriosa que se supunha incomparável, (LAMB, 1999, p. 41).

Desde o ano de 1850 com a Lei de Terras – 18 de setembro de 1850 – o governo imperial se colocava como tutor dos imigrantes, dando-lhes inúmeros privilégios. Dois elementos significativos para defender o imigrante europeu como necessário à jornada civilizadora: era apresentado como símbolo do trabalho livre; em um segundo aspecto dava-se destaque para hierarquia das raças, mostrando a superioridade do homem europeu. (LAMB, 1999, p. 57).

O principal período de imigração para o Brasil foi de 1890 a 1912, período em que estava acontecendo a chamada “febre brasileira”, a qual ocorreu em três fases: a primeira de 1890 a 1891; a segunda em 1895; e a terceira em 1911-1912. A primeira era em busca de uma terra prometida, pois no Brasil o governo oferecia terras aos imigrantes.

No final do século XIX houve uma leve expansão industrial acompanhada por um refluxo na economia agro-exportadora, reflexos do contato com a Europa. No Brasil, ocorreu a abolição da escravatura (1888), a Proclamação da República (1889). Além dos conflitos gerados pelo processo de urbanização e industrialização, houve a difusão das idéias liberais e emergiu uma ideologia nacionalista. Outro aspecto que deve ser considerado é referente às

subvenções do governo em favor da imigração que ocorrem desde a última década do império.

Além de substituir a mão de obra escrava, havia no processo de imigração o objetivo de branquear a população. Dai a preferência por imigrantes europeus. (FURTADO, 2000, p.130).

O sul do Brasil<sup>3</sup> recebeu vários imigrantes, uma grande parte dirigia-se ao Paraná, Santa Catarina ou Rio Grande do Sul, onde formavam núcleos numericamente significativos. O clima e o sistema de propriedade e de cultivo foram fatores que contribuíram para a fixação no sul do Brasil<sup>4</sup>, além de aqui adquirirem suas próprias terras, pois esta região precisava de colonos. Após a Segunda Guerra Mundial, acoitados pela triste memória da ocupação nazista, os holandeses, em especial os agricultores, começaram a buscar no Brasil a paz e prosperidade. Em 1948, fundaram a colônia católica de Holambra, próximo a Campinas, no interior de São Paulo, que conta com mais de uma centena de empresas agrícolas. Expandiram-se, doze anos depois, fundando a Holambra II.

Uma leva de holandeses se estabeleceu no Paraná, às margens do Rio Iapó, região dos Campos Gerais, em 1951, devido um cenário de incertezas e falta de terras disponíveis na Europa, logo após a Segunda Guerra. Nesse mesmo ano, inicialmente em uma área original de 5.000 hectares, riqueza impensável na Holanda, nasceu a Colônia e a Cooperativa Agropecuária Castrolanda, união do nome do município de Castro ao País de origem. Castro, cidade histórica dos Campos Gerais, que nasceu de um pouso de tropeiros no antigo caminho Viamão para Sorocaba, e Carambeí tiveram como fator significativo no seu desenvolvimento à fixação de imigrantes não só holandeses, como também alemães e japoneses, além dos poloneses, ucranianos, italianos e árabes. Estes grupos contribuíram para a formação sócio-cultural da população, que mantém ainda tradições, através dos usos e costumes de suas manifestações folclóricas.

Os holandeses que moravam em Carambeí também se inserem na chamada imigração moderna, que acontece de forma planejada, dirigida e financiada, o que a diferencia da imigração pioneira. As colônias foram fundadas com base na tradicional fazenda dedicada a pecuária tanto no sentido da lavoura mecanizada como no sentido de leiterias, porém o gado deveria ser substituído. Ainda a expansão do trigo constitui um fenômeno com repercussão. A colônia contava com uma agilidade mental no trato dos problemas agrários, devido a uma unidade espiritual do grupo, aliado a uma sólida estrutura cooperativista. (BALHANA & MACHADO, s/d, p.143)

#### Após a Segunda Guerra Mundial a

[...] Europa toda sofria com os rigores e os traumas deixados pela Segunda Guerra Mundial. Em 1951, cinquenta famílias a bordo do navio Alioth, compostas de pecuaristas e agricultores, buscaram uma nova vida em um país livre da herança da guerra. Esses holandeses trouxeram consigo alguns equipamentos agrícolas, maquinários para a instalação de uma pequena fábrica de laticínios e mil cabeças de gado holandês, preto e branco, de alta linhagem. (WACHOWICZ, 1968).

Estes imigrantes deixaram a marca no Paraná com “[...]uma fisionomia nova com a utilização de uma agricultura moderna e a industrialização do leite e seus produtos derivados”, (WACHOWICZ, 1968, p. 117/118). As colônias foram fundadas com base na tradicional fazenda dedicada a pecuária tanto no sentido da lavoura mecanizada como no sentido de leiterias, porém o gado deveria ser substituído. Ainda a expansão do trigo constitui um fenômeno com repercussão. A colônia contava com uma agilidade mental no trato dos problemas agrários, devido a uma unidade espiritual do grupo, aliado a uma sólida estrutura cooperativista. (BALHANA & MACHADO, s/d, p.143)

Verificou-se, portanto, que a colonização holandesa em Carambeí se constituiu através da organização agro-pastoril, mas, paulatinamente, ultrapassando o espaço étnico-cultural e vivendo o processo sócio-econômico, redefiniu o comportamento organizado e transformou a Colônia Holandesa em Município Paranaense. Esta situação advém da estrutura organizacional implantada pelos imigrantes na região dos Campos Gerais, pois esta colônia fundada

[...] há mais de quarenta anos, transformou-se numa colônia de agricultores abastados, que se dedicam principalmente à produção de leite. O leite serve de matéria-prima para a fabricação de queijo e manteiga, enquanto uma parte é pasteurizada para ser vendida na vizinha cidade de Ponta Grossa [...] Antes de conhecer o leite “búlgaro”, o Paraná conhecia o leite e o queijo de suas colônias holandesas, uma das quais, Carambeí é um exemplo revolucionário de agricultura: prosperou, ao contrário das idéias correntemente admitidas, em plena terra de campo limpo. [...] desde o princípio aplicaram a rotação de culturas combinada com a criação de gado, como estavam habituados a fazer na Europa. (MARTINS, 1989. p. 160).

De 1915 a 1919 os colonos já produziam e comercializavam seu queijo em São Paulo. E, na década de 20 criaram a fábrica “De Geus & Cia” para vender a produção dos colonos. Em julho de 1925 surgiu então a Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios, a primeira cooperativa de produção do Brasil.

## **1.2 Os colonos criaram a primeira igreja da colônia e a criação da Cooperativa**

Na década de 30 os colonos criaram a primeira igreja da colônia. E também desta década a lei que regulamenta o cooperativismo (Lei Nacional de 1932). Chegam novos imigrantes e novas concepções administrativas. (a marca Batavo<sup>5</sup> vem desde 1928). Na década de 40 a cooperativa recebe nova denominação: “Cooperativa Mixta Batavo”, e aumentam a comercialização. E, na década de 50 iniciam a criação de porcos das raças Duroc Jersey e Poland China também importam touros, com o comércio garantido com Castro e Ponta Grossa. Ainda há nesse período a junção das cooperativas de Carambeí e Castrolanda, ficando a de Carambeí com a denominação “Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda”.

Assim, de 1910 a 1939, a colônia de Carambeí se afirmou com a presença das atividades econômicas do leite, dos usos e costumes do imigrante e da ocupação do espaço por uma população cujo idioma falado era o holandês.

A partir de 1940 a Cooperativa de Laticínios adquiriu uma considerável importância pela diversificação das atividades.

## **1.3 A educação para os filhos de imigrante Holandês**

A questão da educação não pode ficar ausente do processo econômico-social. Em Carambeí teve seu início numa casa de colono, a qual no domingo, servia de igreja, e, no decorrer da semana, de escola.

Uma das preocupações dos imigrantes é o relacionamento de seus filhos com outras crianças, pois se sabe que a educação dos descendentes no novo país conduz a amizades e ligações que muitas vezes foge ao controle dos pais, esse é um dos motivos pelos quais os imigrantes optam por “escolas étnicas”<sup>6</sup>, principalmente na fase do ensino fundamental, a fim de que interiorizem princípios; mas também não recusam a educação nacional, outro motivo e a falta de escolas de escolas nas localidades em que se instalavam as colônias.

Os imigrantes sempre estiveram preocupados com a educação, pois desde que chegaram começaram a ensinar seus filhos<sup>7</sup> no prédio da igreja, no decorrer da semana, e assim que foi possível, criaram algumas escolas como a de Arapoti Escola Colônia Holandesa Ensino 1º Grau (BaO) a de Carambeí Escola Evangélica de Carambeí (BaO), que é objeto de pesquisa em questão, que iniciou como Carambeí-Pilatus e a de Castrolanda Escola Evangélica da Comunidade de Castrolanda (BaO). Esta foi inaugurada em 1984. Porém, desde 1952 a localidade conta com uma Casa Escolar lecionando aulas nos dois idiomas, português e holandês, esta atualmente é conhecida pelo nome de Escola Prins willen Alexander.

A primeira escola propriamente dita, foi a de Carambeí - Pilatus, fundada na década de 1940, de caráter particular, que era um pequeno galpão de madeira, (ate mais ou menos 1958 também funcionava como clube) com carteiras simples e um armário. Essa escola possuía uma sala sendo as aulas ministradas pelas professoras Geralda Harms e Thereza Seifath.<sup>8</sup>

Em 1947 ocorreu a construção do novo prédio para sediar a escola Carambeí – Pilatus, devido ao espaço tornar-se pequeno com o aumento dos alunos. Já em 1948, passaram a funcionar as 04 primeiras séries, e, mais a 5ª série para quem ia continuar estudando na cidade. Este funcionava onde hoje é a Policlínica e a farmácia Batavo. Este prédio em 31/12/1963 passou a ser chamado de Betel, que significa “Casa do Senhor”, sendo usado para serviços de assistência social e evangelização, em seguida abrigou consultórios médicos e odontológicos e a farmácia. (BOOER, 2005)

Na colônia, a religião sempre esteve ligada a educação, pois inicialmente as aulas e os cultos aconteciam no mesmo prédio. A educação particular em Carambeí tem como Entidade Mantenedora a Igreja Evangélica Reformada de Carambeí, cuja associação<sup>9</sup> tem por objetivo aceitar alunos, sem distinção de credo religioso, etnia ou partido político no sentido de propagar entre os estudantes o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, apesar da escola ter maior direcionamento aos filhos dos descendentes. Podemos observar que essa ligação é bastante ampla, tanto que a religião é

a coisa mais importante da vida da gente. Quem não tem fé não tem nada. [...] Minha avó também é muito religiosa, minha mãe também, meu pai nem tanto. [...] se a gente tem fé a coisa se ajusta. [...] Meu avô era um homem bom, até ajudou a construir a igreja, por isso Deus sempre esteve do lado dele (BUCHMANN, s/d, p. 45)

Analisando a importância da religião, a instituição que aparece á a Igreja, que foi onde os imigrantes

[...] encontraram o espaço para a aglutinação dos traços que permitiriam a identificação entre os indivíduos daquele grupo impedindo sua desagregação. Se a Igreja foi a instituição da sobrevivência inicial dos imigrantes, a escola passa a ser considerada como a instituição que permitirá o progresso do grupo. (BUCHMANN, s/d, p. 124)

Mostrando com isso a relação entre a igreja e a educação, onde o sentido do ensino deve estar voltado para educar e para proteger o patrimônio, que no caso da Associação Evangélica de Carambeí apresentou-se relacionada à preservação do Patrimônio Religioso, pois foi a iniciativa da “comunidade da Igreja Evangélica de Carambeí” que surgiu a educação particular oficial nessa localidade.

[...] a escola é a instituição que cresce e substitui a Igreja em importância para a reprodução da lógica que organiza e rege o mundo industrial capitalista. É a escola que sedimenta os alicerces da democracia burguesa quando passa a ser considerada como veículo que permite aos indivíduos subir na escala social, a partir do seu esforço pessoal e do seu nível de desempenho. Este é o seu papel ideológico. Por

outro lado, a escola cumpre funções contraditórias, se a estrutura dos sistemas fortalece a ideologia das classes dominantes, pela própria definição do seu papel básico, que é sistematizar e democratizar o acesso ao conhecimento científico, a escola abre espaço para muitas críticas e lutas sociais. Ela permite que se abra um espaço para o questionamento dos seus próprios princípios, portanto, da sociedade que a circunda. [...] a construção das escolas tornou-se uma necessidade e uma prioridade para o grupo. [...] como fator que favorecerá o crescimento do grupo. Uma vez assentado na colônia, passado o primeiro pasmo com a terra, construídas as igrejas, inicia-se um movimento para a construção das escolas. (BUCHMANN, s/d, p. 123/124)

Entre os membros da igreja que pertencem a “Associação Evangélica”, encontra-se Hendrik Sijpkens, professor holandês que chegou ao Brasil em 1961 e trabalhou na Escola Carambeí- Pilatus, onde aprendeu a língua portuguesa. Conforme depoimento de Spijkes, o terreno para construção do prédio próprio foi comprado de um imigrante também interessado em cooperar com a criação da escola, chamado Gilberto Voorsluys, dessa forma a construção se deu por meio de duas fontes de financiamento: dinheiro procedente da Holanda e dos pais dos alunos. A escola com a nomenclatura “Escola Evangélica de Carambeí” iniciou com 350 alunos, contando com o Jardim de Infância, Pré-escola até a 5ª série e gradativamente foi incorporando as outras séries do atual ensino fundamental.

O sistema de ensino da Escola Evangélica de Carambeí foi fundamentado na Lei Federal da Educação Brasileira 5692/71 e no Parecer do Estado N° 228/80, sendo homologado pela Resolução Estadual N° 424/81 de 13 de março, cujo ato do Secretário do Governo do Estado de 1ª a 8ª série – Ensino de 1º Grau, conforme segue:

Art. 1º – Fica autorizada a funcionar nos termos da legislação vigente, a Escola Evangélica de Carambeí – Ensino de 1º Grau, no Distrito de Carambeí, Município de Castro, mantida pela Igreja Evangélica de Carambeí. Art. 2º – Fica a Escola Evangélica de Carambeí – Ensino de 1º Grau, autorizada a funcionar pelo prazo de 3 (três), anos e a ministrar o ensino completo de 1º Grau, com a implantação gradativa das 4 (quatro) últimas séries, a partir do ano letivo de 1980. Art. 3º – Fica ratificada a validade dos atos escolares anteriores a presente Resolução, desde que realizados por prévia e expressa autorização da Secretaria do Estado da Educação. Art. 4º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Secretaria de Estado da Educação, em 20 de julho de 1981. “(D. O.)”.

Os alunos matriculados procediam em sua maioria da colônia de Carambeí, mas também, a escola recebia crianças, que moravam na Vila Nova Holanda e no Bairro do Boqueirão, cuja população pertencia ao Município de Ponta Grossa e situava-se na divisa com o município de Castro. O nível sócio-econômico das crianças e adolescentes que freqüentavam a escola era o de médio e baixo, porque os pais estavam divididos em pequenos e médios agricultores, empregados rurais, funcionários das cooperativas, funcionários públicos do Distrito e outras empresas estabelecidas em Carambeí.

Com base nessa idéia de que para ser cidadão, ou melhor, para participar ativamente da vida urbana e do mesmo modo que para ser trabalhador produtivo, é necessário ingressar na cultura letrada, a escola é uma instituição que representa a forma mais desenvolvida e mais avançada da sociedade moderna, pois, não é possível compreender a educação sem escola. (Saviani)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância desta pesquisa, está em aprofundar a compreensão da educação, na colonização holandesa no país, que ainda foi estudada, por pesquisadores da história da

educação. Buscamos compreender o movimento da imigração historicamente organizada na região e a constituição da Escola no país no Município de Carambeí, por onde passaram diferentes proprietários e, finalmente a Brasil Railway Company, que adquiriu as terras que começavam no Rio Iapó, e terminavam no Rio Pitanguí, entre Castro e Ponta Grossa.

Neste entender a realidade social de Carambeí pode apontar para a história da educação dos Holandeses no país. Que num primeiro momento ocorreu um processo discriminatório no sistema de ensino, devido as aulas inicialmente serem ministradas em idioma holandês e, posteriormente, passou a receber alunos de diferentes grupos sociais.

Ao ocorrer, portanto a aculturação da população carambeense houve socialização, aprendizado, quer dizer relação com o trabalho e com todo o desenvolvimento, não somente das relações produtivas, mas também das relações sociais nas quais elas se organizaram. Embora nossos esforços temos consciencia que “[...]não existe uma realidade em si mesma, em si e por si, mas apenas em relação histórica com os homens que a modificam, etc) GRAMSCI, 1978,p.34)

Nesse sentido buscar-se-a o discurso pedagógico da escola de Carambeí, que é sempre social, no sentido que considera como sujeito da educação os educandos, pelo menos nas determinações opostas de usuários e de produtores de conhecimento.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BOOER, Jessie. *Entrevista oral*. Carambeí: agosto de 2005.
- BOSCH, Peter. *Histórico de carimbei*. Carambeí: Câmara Municipal, 1997. 11 p.
- BRAGA, Ney Amintas de Barros. Decreto 11343. IN: \_\_ Diário Oficial. Curitiba (32). Abr. 1963.
- BRASÍLIA, Ministério da Educação e do Desporto. Súmula: Lei Federal 5692/71. Brasília: MEC, 1972. 15 p. (Texto).
- CARAMBEÍ, Escola Evangélica de. (Ensino Fundamental). *História da Escola*. Carambeí: Documentação Escolar, 1994/1997.
- CARAMBEÍ, Prefeitura Municipal de. Carambeí: Poder Executivo, 1997. 24 p.
- CORDEIRO, S. V. A.L. & WOISKI, R. *Memória histórica das escolas de Carambeí e análise do Ciclo Básico de Alfabetização: um estudo de caso 1911 – 1998*. (monografia de final de curso – Licenciatura em História, 1999).
- FENELON, D. *Pesquisa em história: perspectivas e abordagens*. In.: FAZENDA, I. (org) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.
- FERREIRA, J. C. V. *Cidades brasileiras: origem e significado de seus nomes*. Curitiba: J.C.V. Ferreira, 1999.
- FRIGOTTO, G. *A educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FURTADO, Celso. *A formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Publifolha, 2000 – (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro)
- GRAMSCI, Antonio Concepção Dialética da História. *Civilização Brasileira*, 2ª. Ed. Rio de Janeiro, 1978.
- KOOY, Hendrick Adrianes. *Carambeí 75 anos: 1911 – 1986*. Castro: Kugler, 1986. 279 p.

- KOSSOY, Boris. *A fotografia: uma reflexão metodológica*. Curitiba: Casa da Cultura, 1985. 16 p.
- KUBO, Elvira Maria. *História da Educação no Paraná: pesquisa em andamento*. IN: \_\_ História: Questões e Debates, Curitiba 7 (13): 245 – 251. Dez. 1988.
- MANACORDA, M. *A história da educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1989.
- MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômeno de aculturação no Paraná*. 2.ed. São Paulo: T. A . Queiroz, 1989. 470 p.
- MARX, Karl e ENGELS, Frederich. *A ideologia alemã. Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes: Feubach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão nos seus diferentes profetas*. 3<sup>a</sup>. ed. Lisboa/Portugal Editorial Presença; São Paulo Livraria MARTINS Fontes, [s.d] v.1.
- NETTO, Luiz R. *Revista Batavo: N° 43: Carambeí, sua história*. Castro: Kugler, 1995. 35 p.
- RABE, Neuza. *História da Educação no Distrito de Carambeí*. Ponta Grossa: DEMET/UEPG, 1990.
- RIBEIRO, M. L. S. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.
- SAVIANI, Demerval. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. 5<sup>a</sup> ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1999.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Autores Associados/ HISTEDBR, 1998.
- SPIJKES, Hendrik. *Entrevista oral*. Carambeí: maio de 2005.
- WACHOWICZ, Ruy C. *História do Paraná*. Curitiba: Editora dos Professores, 1968.

---

<sup>1</sup> A ocupação dos Campos Gerais do Paraná, ocorreu a partir do início do século XVIII, com o ciclo do tropeirismo, e os primeiros caminhos seguindo os vales dos rios e as trilhas dos índios, tornaram-se as veredas da civilização, o principal caminho chamava-se Peabiru. Deve-se pontuar ainda, que no começo do século XVIII ocorreu a colonização da região dos Campos Gerais com a fixação e formação de “currais” nas sesmarias (regime em que a Coroa Portuguesa concedia vastas extensões de terra as famílias de franceses, belgas, alemães, holandeses e outros, que pretendessem fixarem-se. O primeiro requerimento dessa natureza foi feito por Pedro Taques de Almeida em 19 de março de 1704). (WACHOWICZ, 1968).

<sup>2</sup> O livro de Wachowicz “História do Paraná” relata que a vida inicial do imigrante era muito difícil. Ele desembarcava no porto de Paranaguá ou Antonina, e daí, eram transportados para Curitiba em carroções e alojados em improvisadas hospedarias para imigrantes, as quais geralmente se encontravam superlotadas “Acomodavam-se no chão [...] onde devem repousar em meio a imundície e bichos. Alguns permanecem de três a seis meses nestas casas, antes de partirem para as colônias que nesta época estão sendo demarcadas” (BUCHMANN, s/d, p. 69). De Curitiba, o imigrante era transportado juntamente com sua família para a colônia a que se destinava, instalando-se em péssimas condições, a espera da demarcação das terras (WACHOWICZ, 1968, p. 112-118).

<sup>3</sup> A criação de gado no País encontrava-se em dificuldade, devido à qualidade do animal. A chegada dos imigrantes e das técnicas por eles trazidas, veio como uma luz no fim do túnel. No final do século XIX e início do XX, a economia estava voltada ao comércio exterior, sendo o café seu principal produto, com a crise do mesmo, outros produtos se destacam: a erva mate e a mineração.

<sup>4</sup> Após a Segunda Guerra Mundial, acossados pela triste memória da ocupação nazista, os holandeses, em especial os agricultores, começaram a buscar no Brasil a paz e prosperidade. Em

---

1948, fundaram a colônia católica de Holambra, próximo a Campinas, no interior de São Paulo, que conta com mais de uma centena de empresas agrícolas. Expandiram-se, doze anos depois, fundando a Holambra II.

<sup>5</sup> O nome Batavo vem de um povo que na antiguidade habitava a região da Holanda.

<sup>6</sup> Na formação dos Campos Gerais- PR, os imigrantes mantinham suas próprias escolas nas colônias. Recebiam as mesmas práticas educativas do país de origem, geralmente conduzidas por professores da mesma etnia. (NASCIMENTO, 2004, p. 5)

<sup>7</sup> Pessoas da própria comunidade ensinavam. Jacob Voorluys, já era professor na Holanda, mas tinha sua chácara e só podia dedicar um determinado tempo para os alunos; Cornélia de Geus, Pleuntje de Geus (filha de Aart Jan de Geus, (em sua homenagem foi dado seu nome a um ginásio); Hendrik Smouter substituído por seu filho Leendert Smouter; de 1924 a 1927 veio um professor Mathijssen, seguido pelo professor Zahn (ate 1930) e pela Sra. Bokhout (ate 1936). Em 1936 veio o professor Keimpe van deer Meer, da Holanda. E, em 1938 a professora Geralda Harms, (a primeira professora nascida no Brasil) começou a lecionar; Nos anos 1940 tivemos as professoras Maria Harms (esta lecionava na escolinha publica de Pilatus, seguida pela professora Esther Schelesky) e Thereza Gaertner Seifarth; e, nos anos 1950, a professora Gerçi Foltran e o professor holandês Henri van Westering. (BOOER, 2005).

<sup>8</sup> De 1945 a 1963 funcionou uma escola denominada "Escola de Pilatus", que era mantida pela Prefeitura e localizava-se no lugar chamado Pilatus, de caráter multisseriado teve como primeiras professoras: Maria Harms, Éster Scheleski, Relindes Bormann e Griselda Shmidt.

<sup>9</sup> A Associação Evangélica de Carambeí foi formada, inicialmente, por 80 famílias que contribuíram com dinheiro necessário para a construção das instalações físicas do prédio da escola e compra dos móveis.